
CAPÍTULO 2 – O LUGAR, OS NARRADORES, A INSTITUIÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro é marcada por grandes contrastes decorrentes de características naturais (geológicas, topográficas, climáticas) e históricas que influíram na formação da cidade. Coexistem, de maneira quase sempre conflituosa, natureza e aglomerados urbanos e, nesses, bairros privilegiados com equipamentos de saúde, lazer, e segurança próximos a construções de madeira e alvenaria sem reboco, onde muitas vezes água e luz só chegam através de instalações clandestinas. Daí a noção de “cidade partida” que, após o livro do escritor e jornalista Zuenir Ventura, publicado em 1994, veio a tomar força nos meios acadêmicos e nas diversas publicações que tratam de assuntos referentes aos espaços urbanos de segregação nas grandes cidades (em particular no Rio de Janeiro, de onde parte o autor para formular este conceito). A idéia presente nesse livro, que retrata de forma dramática as relações entre favela e “asfalto”, através da abordagem do cotidiano de traficantes da favela carioca de Vigário Geral, traz à tona o sentimento de ruptura entre “asfalto” e favela, sendo a favela identificada como lugar da violência e exclusão do acesso à cidadania.

Posteriormente, apontando para outra direção e a partir de outro ponto de vista - o da favela -, Adair Rocha, autor de Cidade Cerzida (2000), expõe as iniciativas empreendidas no sentido de diminuir as distâncias entre o "asfalto" e a favela. Para este autor, é mais relevante a abordagem dos processos de construção da cidade cerzida que a constatação da dicotomia favela/asfalto. Para ele, essa dicotomia justifica, em alguns momentos onde metáforas mais

perigosas como “situação de guerra” são utilizadas, ações que iriam além do cumprimento da lei pelo “inimigo”, identificado pelos setores da sociedade que precisam pensar a favela enquanto “espaço de confinamento”.

Rocha, doutor em comunicação e professor ligado ao Departamento de Teologia da PUC-Rio, “apoiado em 18 anos de experiências ponteadas” - pois, segundo o próprio autor, “não houve a presença cotidiana no Santa Marta” (ROCHA, 2000, p. 44) - observa a promoção local de práticas políticas e partidárias, culturais e religiosas. Concentrando seus estudos nos olhares e ações do jornal ECO e do grupo ECO, analisa as lutas e conquistas deste grupo no espaço do “Saber”, que segundo ele “é a sistematização do poder e vice-versa.” (ROCHA, 2000, p. 131). É justamente neste campo que atua o CEASM. Além de promover e incentivar atividades relacionadas à educação e às artes em geral, conquista importantes posições no espaço do Saber, construindo conhecimento através das ações de suas diversas Redes (a Rede Comunicação, o Observatório Social e a Rede Memória dão exemplos claros dessa construção de conhecimento, como poderá ser notado ao longo deste trabalho).

Na Maré a iniciativa dos atores do CEASM tem sido justamente no sentido de construir uma narrativa na qual o espaço compreendido pela região da Maré e os seus moradores estejam intrinsecamente ligados à história da cidade e do país, contada pela perspectiva de quem vive, ou viveu, do lado até então esquecido pelos discursos historiográficos dominantes e pelas instituições oficiais de memória. Esses narradores, à semelhança do que recomenda Benjamin, apropriam-se de uma "reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo". Eles se apropriam do passado e

recontam as histórias dos seus próprios mortos. "O dom de despertar no passado as centelhas da esperança", como diz Benjamin em sua tese "Sobre o conceito da história", "é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer" (BENJAMIN, 1994, p. 224-225).

Longe de apresentarem apenas informações sobre a região e seus moradores, contam histórias sobre eles, constroem narrativas e, como artesãos de redes de memória, tecem a trama que vincula a cidade à Maré, o indivíduo ao coletivo, o público ao privado e imprimem nessas narrativas a sua marca "como os vestígios da mão do oleiro no vaso de argila". (BENJAMIN, 1994, p. 107). Não é sem sentido que um dos projetos da Rede Memória é a organização de um grupo de contadores de histórias, e que no periódico "O Cidadão - O Jornal do Bairro Maré"⁷ aparecem temas como "História da Maré", "Lembranças da Maré", "Cantos e Contos da Maré" e "Como vovó já dizia..."

Assim, as práticas de colecionamento que estão na gênese do Arquivo Documental Orosina Vieira constituem novas possibilidades de narrativas, onde os objetos coletados, resultantes das escolhas efetuadas por estes narradores, funcionam como "chaves" capazes de estabelecer uma ligação com o passado, através do qual a trama que envolve a Maré e a cidade se torna mais visível.

⁷ O CIDADÃO - O JORNAL DO BAIRRO MARÉ. Rio de Janeiro, ano IV n. 19, Abril /2002.

2.1 - O BAIRRO MARÉ

2.1.1 - LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO MARÉ

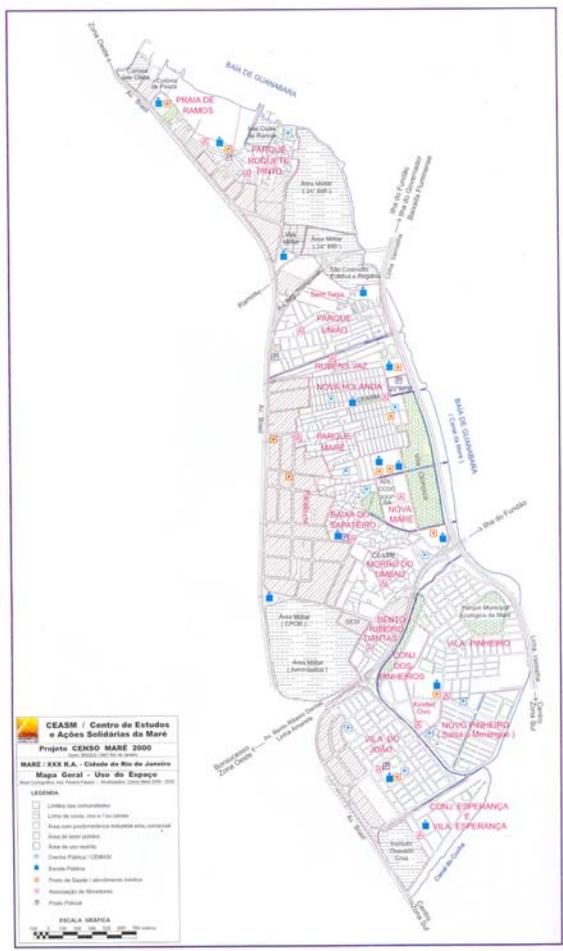
O bairro Maré está localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e é limitado pelo Canal do Cunha, ao sul; pelo Rio Irajá, ao norte; pela Baía da Guanabara, ao leste; e pela Avenida Brasil, a oeste, sendo essa avenida a principal via de acesso ao local.

Compõem o bairro – XXX Região Administrativa da Cidade do Rio de Janeiro – dezessete comunidades com aspectos históricos, sociais e urbanos diversos, tanto no que se refere ao início da ocupação quanto no que se refere à origem da população e às características urbanas. São essas comunidades⁸: Parque União, Vila Pinheiros, Parque Maré, Baixa do Sapateiro, Nova Holanda, Vila do João, Rubens Vaz, Marcílio Dias, Timbau, Conjunto Esperança, Salsa e Merengue, Praia de Ramos, Conjunto Pinheiros, Nova Maré, Roquete Pinto, Bento Ribeiro Dantas e Mandacarú (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2000, p. 7)⁹.

⁸ Foram consideradas as localidades abordadas pelo Censo Maré 2000. Convém esclarecer que o Censo Maré é realizado pelo Observatório Social da Maré, núcleo pertencente ao CEASM, que em parceria com o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA, o Instituto Pereira Passos – IPP e a Escola Nacional de Ciências e Estatística – ENCE, recolhe informações sobre o bairro Maré que compõem os atuais dados oficiais do Censo.

⁹ “O Censo Maré, a fim de melhor descrição da heterogeneidade local, considerou a comunidade de Mandacarú, localizada no território de Marcílio Dias, como uma comunidade específica, devido às suas condições peculiares”.

MAPA



(FIGURA 1)

2.1.2 - HISTÓRICO DA REGIÃO

Muito pouco da história da formação do bairro Maré foi escrito, e o pouco de que se dispõe a respeito do assunto pode ser encontrado em fragmentos dispersos em documentos oficiais e livros que tratam da história geral da cidade do Rio de Janeiro e de seus bairros. No entanto, graças à ação militante de alguns indivíduos da Maré, em especial pessoas ligadas ao CEASM, estes dados vêm sendo reunidos, ajudando a construir um histórico mais denso e substancial sobre as ocupações e transformações urbanas do bairro.

Antônio Carlos Vieira, um dos fundadores do Centro, a partir de extensa bibliografia, estudos em arquivos e depoimentos de moradores, coletou e organizou um conjunto de informações que deu origem ao trabalho denominado "Histórias da Maré" (VIEIRA, 2002), que contribui para a compreensão do discurso dos militantes do CEASM sobre a região. Este texto inédito tem sido utilizado como fonte bibliográfica para a realização de estudos e exposições, e é com ele que passei a dialogar para a construção do histórico que se segue.

O estudo realizado por Vieira inicia a sua narrativa histórica em tempos remotos, bem anteriores à ocupação da região da Maré pelos habitantes atuais.

Os primeiros habitantes viveram na região há cerca de 8.000 anos atrás, como coletores e pescadores, atraídos pela abundância dos recursos naturais oferecidos pela Baía de Guanabara. Há cerca de 1.300 anos a região já estava ocupada pelos índios Tupinambás que foram os ancestrais dos índios encontrados pelos portugueses na

época da descoberta: os da nação Tupi-Guarani.
(VIEIRA, 2002)

Ao iniciar sua narrativa, Vieira remonta a oito mil anos e finca o seu marco de origem no mundo pré-histórico, dominado pela oralidade, pela tradição e pela memória. Além disso ele tece um ligações entre o passado remoto e o presente, entre a história do Brasil e a história da Maré.

Vindo de períodos que remontam ao paleolítico, passando pela chegada dos portugueses e pela divisão das terras em sesmarias, o autor chega ao século XX e nos conta que a ocupação urbana que deu origem à configuração atual da Maré teve início por volta dos anos 40. Assim, se há um marco de ocupação fincado no passado distante, há também uma marco de ocupação recente, que se explica por diversos fatores, dentre os quais destacam-se as constantes reformas urbanas que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro e as remoções das populações de favelas e cortiços, que passaram a procurar lugares mais afastados e de pouco valor imobiliário.

A comunidade do Morro do Timbau aparece em seus estudos como uma das primeiras a se formar na Maré.

As comunidades da área hoje conhecida como Complexo da Maré surgiram a partir da década de 30, impulsionadas por diversos fatores. A comunidade mais antiga é a que se originou no Morro do Timbáu, região já ocupada desde o período colonial, por se localizar ali o antigo Porto de Inhaúma. Posteriormente, a área vai ser ocupada primeiro por portugueses e italianos que ali estabelecerão suas chácaras e por fim por pescadores que ali fundarão uma colônia de pesca. O nome da comunidade passa a ser o da região, que era conhecida como thybau, do tupi-guarani, "entre as águas", o que

denota terem sido os índios os primeiros habitantes do lugar. (VIEIRA, 2002)

Segundo Vieira, baseado no estudo de Carlos Nelson¹⁰ sobre a localidade, é apenas em meados da década de 1940, com a chegada de Dona Orosina e seu esposo, que tem início a ocupação da região, graças à construção de palafitas sobre áreas pantanosas e alagadiças:

A ocupação da comunidade propriamente dita se dá a partir da chegada da primeira moradora da comunidade, D. Orosina, que num passeio de final de semana se apaixona pelo lugar, e recolhendo a madeira que a maré trazia, demarca uma área e constrói o primeiro barraco [...] (VIEIRA, 2002)

Orosina Vieira, importante personagem local que dá nome ao Arquivo, aparece aí como "mãe fundadora" da comunidade, instituindo o marco da ocupação da Maré pela população atual. É até hoje lembrada, como pude comprovar em conversas e entrevistas, como uma mulher forte e determinada, uma rezadeira que gozava do respeito da comunidade por suas qualidades e serviços prestados. Contam que ela possuía uma "garrucha e um facão" com os quais impunha respeito e mantinha uma certa ordem na região; esses objetos estão sendo almejados pelos integrantes como possível acervo de um

¹⁰ Carlos Nelson Ferreira dos Santos é renomado arquiteto e antropólogo cujos estudos se concentravam sobre as questões referentes às habitações populares e reurbanização de favelas. Em idos dos anos 70-80 realizou um estudo sobre o Morro do Timbau.

futuro museu ou reserva técnica. Seu papel como mito fundador da região parece simbolizar o merecimento à terra que convida à construção das moradias e a força dos indivíduos que resistiram às dificuldades para permanecerem no local. Não é por acaso, portanto, que o texto de Vieira se inicia no passado distante, quando a região era ocupada por coletores e pescadores e depois por populações indígenas. Está em pauta, como se pode perceber, uma história de ocupações da região. A chegada de Dona Orosina é descrita com um acento mítico. Ela vai para um passeio de fim de semana, encanta-se com a paisagem da região e, recolhendo no fluxo da maré pedaços de madeira, constrói as bases da sua moradia.

Ainda por volta da década de 40, teve início a construção da Avenida Brasil, primeiramente denominada Variante Rio-Petrópolis, que, aliada ao fenômeno migratório provocado pelo êxodo rural, principalmente da região Nordeste do país em direção às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, intensificado após o fim da segunda Guerra Mundial, contribuiu ainda mais para a ocupação da região da Maré e entorno.



(FIGURA 2)

*Obras de construção da Avenida Brasil, trecho Mangueiras.
s/autor. c. 1940. Acervo do Arquivo Geral da Cidade.*

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Em meados da década de 40, já podiam ser contabilizadas aproximadamente oitocentas palafitas, construídas nos limites do bairro de Bonsucesso, em áreas adjacentes ao Morro do Timbau, onde surgia a localidade da Maré denominada Baixa do Sapateiro.

Posteriormente, enquanto a ação estatal cobria rapidamente vastas porções da Baía da Guanabara para a construção da Cidade Universitária, entre os anos de 1949 e 1952, a população da Maré se expandia por sobre os mangues, com a realização de aterros clandestinos e construção de palafitas que se estendem a partir da

Baixa do Sapateiro, formando a comunidade que viria a ser chamada de Parque Maré.



(FIGURA 3)

Vista das Palafitas da baixa do Sapateiro. s/d. s/a.

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Vieira nos indica que, nesse mesmo período, surgia próximo ao Parque Maré uma outra comunidade, sobre o terreno arenoso conhecido como “areal”, resultante dos despejos da drenagem do Canal da Portuária. O nome oficial somente foi atribuído em 1965, quando a associação de moradores do local, em homenagem ao Major

da FAB morto no atentado contra Carlos Lacerda, renomado jornalista e político carioca, deu à localidade a denominação de Parque Major Rubens Vaz.

Outra figura importante na História da Maré é o advogado Margarino Torres, que em 1959 coordenou o processo de loteamento da comunidade do Parque União. Segundo Vieira, esse advogado, ligado ao PCB e que "desejava criar um bairro de boas condições de habitabilidade e circulação" (VIEIRA, 2002), teve um papel determinante na configuração do local, intercedendo junto ao poder público, evitando remoções e o desmonte dos barracos por parte da polícia. Ele cobrava taxas que eram revertidas para benfeitorias na área e para o pagamento de seus honorários.

A partir da década de 60, com o governo Carlos Lacerda e com a sua política de remoções, implantada com o objetivo de erradicar as favelas das áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro, uma nova onda de ocupações cobriu uma área aterrada pelo Projeto Holanda, onde os ex-moradores das favelas "desmontadas" e outros afetados pelo programa de Lacerda, eram alocados no Centro de Habitação Provisória (CHP), sob a responsabilidade da Fundação Leão XIII, diretamente vinculada à Secretaria de Serviço Social. No entanto estas moradias jamais deixaram de ser provisórias e a população que fora encaminhada para as casas de madeira e vagões da Nova Holanda passou a sofrer com a falta de infra-estrutura e com a baixa qualidade dos materiais empregados na construção dessas habitações, cuja reforma era proibida pelo Estado.

Após algumas tentativas de intervenção do Estado na região da Maré sob o argumento de ampliar a Avenida Brasil e sanear a Baía da Guanabara, finalmente, em 1979, o Projeto-Rio é anunciado pelo

então Ministro do Interior, Mário Andreazza, projeto esse que causou alvoroço entre os habitantes da Maré, pois, como os anteriores, baseava-se no saneamento da baía e previa a remoção de moradores. Vieira, em seu estudo, recupera um depoimento do Presidente da Associação de Moradores do Parque Maré na época:

O Projeto Rio foi uma loucura aqui. As autoridades disseram que iam remover as favelas da Maré. Isso queria dizer que eles iam remover as palafitas. Mas os moradores daqui ficaram desesperados, achando que iam remover o Parque Maré. Foi um custo para tirar da cabeça deles isso. (Campista, morador do Parque Maré e presidente da Associação de Moradores em 1973) (VIEIRA, 2002)

No entanto, a forte reação dos moradores fez com que a fase de remoções não fosse totalmente implementada, limitando-se à remoção das áreas “palafitadas” e a transferência dos moradores para construções pré-fabricadas. Até então, segundo depoimento de moradores, a “Maré das palafitas era símbolo da miséria nacional, como retrata a música ‘Alagados’, do Paralamas do Sucesso” (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002).

Concluído com bastante atraso e pressão dos moradores, que reivindicavam o término das obras, o Projeto-Rio promoveu modificações na infra-estrutura urbana da Maré, desde a rede de abastecimento de água e canalização do esgoto, passando pela regularização da rede elétrica e arruamento. Durante a sua

implementação foram construídos os primeiros Conjuntos Habitacionais da Maré, que passaram a abrigar os moradores retirados dos barracos e palafitas: Vila do João, Conjunto Pinheiro, Conjunto Esperança e Vila do Pinheiro.

Nos anos 90, foram construídas as habitações de Bento Ribeiro Dantas e Nova Maré, onde foram alocados os moradores retirados das áreas de risco da cidade. E mais recentemente, no ano 2000, inaugurou-se a comunidade de Salsa e Merengue. (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002)

Em janeiro de 1994 a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro institui oficialmente o bairro Maré, pela Lei 2.119 que “Cria o bairro Maré na XXX Região Administrativa e da outras providências” (RIO DE JANEIRO, 1994).

Todo esse histórico tem sido trabalhado insistentemente pelo CEASM, através das exposições, divulgação no jornal “O Cidadão” e no *site* da organização¹¹, utilizado como fonte para esta dissertação.

2.1.3 - ASPECTOS URBANOS E SOCIAIS

O bairro Maré está entre os bairros com maior extensão territorial da cidade, com 4,56 Km². Segundo o CENSO Maré 2000, “é a maior concentração de população de baixa renda do município do Rio de Janeiro e do Brasil”, com 132.176 habitantes (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2000, p. 7); o bairro só perde em número de moradores para Campo Grande

¹¹ Site do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. Disponível em: <<http://www.ceasm.org.br>>

(296.498), Bangu (244.086) e Tijuca (163.469). O CENSO Maré conclui que, “no que concerne aos outros complexos de comunidades populares do Rio de Janeiro: Rocinha, Alemão e Jacarezinho, observa-se que o nosso bairro aparece como o de maior concentração populacional.” (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2000, p. 8)

População nas Principais Favelas do Município do Rio de Janeiro			
Localidade	1991	1996	2000
Rocinha	42.892	45.585	56.313
Alemão	51.591	54.795	65.637
Jacarezinho	37.393	34.919	36.428
Maré	62.458	68.817	113.817 / 132.176*

Fonte: Censo IBGE – 2000; *Censo CEASM-2000

O alto índice demográfico associado ao descaso do poder público na região gera resultados bastante negativos. A última pesquisa realizada na Cidade do Rio de Janeiro com o intuito de avaliar o “Índice de Qualidade de Vida Urbana” coloca a Maré em décimo primeiro lugar, em um universo de vinte e oito grupos de favelas (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002).

A baixa escolaridade da população do local é um outro aspecto da Maré abordado pelo CENSO:

Na Maré, conforme as informações obtidas pelo Censo realizado pelo CEASM, 6,4% de crianças entre 7 e 14 anos estão fora da escola. Ou seja, em cada 100 crianças, pelo menos 6 estavam sem acesso à educação formal. (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002)

Esses quadros, obtidos principalmente graças aos estudos realizados pelo CENSO Maré – que, conforme já mencionado em nota, foram produzidos pelo Observatório Social da Maré, núcleo pertencente ao CEASM, com apoio e financiamento da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro –, configuram uma realidade que os agentes do CEASM lutam para transformar.

A imagem negativa que se tem da região, estigmatizada pelo signo da pobreza e violência, também constitui um importante fator que influencia as posições desta ONG quanto às denominações atribuídas ao local, como será abordado a seguir.

2.1.4 - MARÉ: FAVELA OU BAIRRO?

Não obstante a determinação oficial que decreta a criação do bairro na região, esta é mais conhecida pelas denominações “complexo da Maré” e “favela da Maré”, que ainda vigoram no senso comum e nos noticiários dos principais jornais nacionais e regionais. A Maré ainda é tratada como favela por diversos segmentos da sociedade, devido à sua infra-estrutura urbana e condições de vida e moradia.

Um fato intrigante relacionado à denominação da Maré ocorreu em junho de 2002. Em visita à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em busca de documentações que informassem a data precisa da criação do bairro Maré, fui informado por funcionários da Secretaria de Urbanismo (SMU) e da Secretaria de Habitação (SMH) que não encontraria tais documentos, visto que o local, motivo da minha pesquisa, jamais havia se tornado bairro. Após alguma insistência, e alguns quilômetros percorridos, encontrei na biblioteca da própria SMU a documentação referente à criação do bairro Maré. O desconhecimento da condição de bairro por aqueles funcionários da Prefeitura só veio a reforçar a impressão de que, para grande parte da população carioca, a Maré não se tratava de um bairro e sim de uma favela, ou complexo de favelas, como preferem alguns. No que diz respeito aos jornais de grande circulação, é ainda mais difícil encontrar situações em que a Maré é reconhecida como bairro. Na maioria dos casos, a localidade é mencionada como palco da violência relacionada ao tráfico de drogas.

“Dois policiais militares ficaram feridos e dois traficantes morreram durante um tiroteio entre o Terceiro Comando e o Comando Vermelho na Favela da Maré, no subúrbio do Rio. As balas chegaram a atingir um motorista que passava pela Linha Amarela. Pastores evangélicos que

vinham em outro carro ficaram no meio do fogo cruzado, mas não foram atingidos.” (MANIFESTAÇÃO, 2002)¹²

Em alguns casos, as denominações utilizadas para se referir à região compreendida pelo bairro Maré são tantas que se tornam confusas:

Manifestação pára a Linha Vermelha: Moradores da favela Vila Pinheiro, no Complexo da Maré, em Bonsucesso, subúrbio do Rio, fecharam, no início da tarde de ontem, a Linha Vermelha, sentido Baixada Fluminense. O tumulto provocou pânico entre os motoristas: às 13h, eles passaram a trafegar na contramão para fugir do protesto iniciado com a morte de uma mulher, de 33 anos, atingida numa troca de tiros entre policiais militares do 22º Batalhão da Polícia Militar e quatro homens que estavam no alto de uma casa. [...] (TROCA, 2002) ¹³

Uma das coordenadoras do CEASM e ex-moradora da Maré, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, mencionou em entrevista recente o fato de que, na maioria dos casos, os próprios moradores desconhecem ou negligenciam o título de bairro atribuído ao local.

¹² TROCA de tiros na Favela da Maré, no Rio. GloboNews.com, Disponível em: <<http://globonews.globo.com/GloboNews/outros/0,6993,V28593-28,00.html>>. acesso em: 16 jul. 2002.

¹³ MANIFESTAÇÃO pára a Linha Vermelha *O DIA*. Rio de Janeiro. Polícia, p 12. 31 jul. de 2002

Eu acho as pessoas de uma forma geral, aqui na Maré, não vêem como bairro, não se identificam como bairro, você vai encontrar muito essa categoria, se falar Maré, nas pessoas mais antigas e que tem uma participação política. Das pessoas mais antigas e que não tem participação política, elas não vão ter uma visão de Maré, ou uma participação política ou uma nessa época, assim da igreja católica que tinha essa influência que era uma matriz e capelas em cada comunidade e tudo era Maré. Então, tem algumas pessoas que vão ter essa idéia que a Maré é esse coletivo de comunidades, tem algumas pessoas que não vão nem saber o que é Maré. Você vai dizer Maré e elas vão falar “não, aqui é o Timbau”. [...] (Cláudia Rose Ribeiro - 06/09/2002)

Para Cláudia Rose, a militância política ou o tempo de residência na Maré são fatores importantes que influenciam na forma como os indivíduos dessa região se localizam no espaço urbano. Além disso, acrescenta:

[...] Tem pessoas que vão se identificar com o bairro e vão achar que isso aqui é um sub-bairro, por exemplo, quem mora aqui na Baixa, quem mora no Parque Maré e no Timbau, vai achar que mora em Bonsucesso, quem mora na Praia de Ramos e Roquete Pinto, vai achar que mora no bairro de Ramos, quem mora em Marcílio Dias vai achar que mora no bairro da Penha, quem mora no

Conjunto Esperança vai achar que mora em Manguinhos. Então, assim, sub-bairros desses bairros. (06/09/2002)

Uma das afirmações contidas nesse trecho do depoimento é que mesmo o sentimento de viver no complexo da Maré não é compartilhado por todos os moradores das comunidades que compõem o bairro, que muitas vezes preferem se referir à comunidade específica onde moram, ou ao bairro mais próximo, o que, em alguns casos, indica uma forma de se esquivarem do estigma de moradores de favela, como nos mostra o relato de Antônio Carlos Vieira sobre uma das experiências que viveu no período em que cursava a graduação em direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

Eu sempre tive vergonha de dizer que morava na favela, porque eu sempre construía para as pessoas uma imagem que não era uma imagem de pessoa favelada. Então, eu escondia isso, eu tinha vergonha e isso me causava uma série de problemas porque meu grupo de colegas na faculdade, a gente tinha essa coisa de estar se visitando. [...] Uma coisa que me marcou muito é que, logo assim nas primeiras aulas que a gente teve, tinha uma colega minha, uma pessoa muito bacana, Neide, morava em Copacabana, uma senhora já, mas era uma madame. A gente estava conversando com as pessoas lá da turma e começou a se perguntar onde as pessoas moravam. Quando chegou a minha vez ela me perguntou. Alguém me perguntou: ‘E você Antônio Carlos, onde é que você mora?’. Aí eu falei... Eu não ia dizer que morava na Maré

ou que morava no Timbau, né? (risos) Aí eu disse assim: eu moro em Bonsucesso. - Porque pra todos nós que morávamos na Maré a Maré era Bonsucesso. ‘Bonsucesso onde? Do outro lado da Avenida Brasil’. Aí as pessoas já sabiam que era na área ali da favela - Eu disse: “eu moro em Bonsucesso.” Aí ela falou: “onde é que fica mesmo Bonsucesso?” (risos) Eu pensei; ‘Pô imagina se eu digo pra essa mulher que moro na Maré, na favela?’[...] (Antônio Carlos Vieira – 11/01/2003)

Embora a opinião de Antônio Carlos sobre o termo favela seja bem diferente hoje e até mesmo oposta àquela citada, o seu depoimento ilustra como estas categorias, favela e bairro, são permeadas por intensos embates ideológicos. Alguns estudos chamam a atenção para o fato de que a categoria favela, por exemplo, em muitos casos é usada para discriminar negativamente aquele morador de áreas consideradas “pouco nobres” na cidade.

Ao trabalhar com o bairro Maré, consideramos importante perceber que há, por parte dos moradores da cidade, um traçado que não é apenas geográfico, mas essencialmente simbólico. Áreas identificadas com as favelas são representadas em muitos discursos como áreas do “mal”, do perigo, da violência. Em contraposição, os bairros, especialmente os situados na Zona Sul, são representados como lugares nobres, com boa qualidade de vida. É o caso, citado por Gilberto Velho (1989), de Copacabana, representado por parte de seus moradores como “o lócus das coisas boas da vida”.

Não ignorar essa imagem da Maré favela faz parte das estratégias dos agentes do CEASM: as características que reforçam

este estigma são mencionadas diversas vezes em documentos e informações que destinam ao público geral, sempre apresentadas visando uma transformação.

Maré ocupa uma presença significativa no imaginário carioca. Foi, durante muito tempo, dominada por palafitas – habitações precárias suspensas sobre a lama e a água – em visível contraste com as modernas arquiteturas do Aeroporto Internacional e da Cidade Universitária da UFRJ. Este fato contribuiu para uma visão generalizada da região como um espaço miserável, violento e sem condições dignas de vida. (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002)

Os militantes do CEASM estão cientes das questões imbricadas nas categorias atribuídas ao local e utilizam-nas de forma consciente e política:

Na verdade a gente tem uma orientação aqui dentro do CEASM que é de sempre estar trabalhando a categoria bairro. Não que a gente ache que a Maré seja um de fato um bairro, porque essa categoria na verdade ela foi imposta de cima para baixo, foi um jogo político do César Maia que colocou, em noventa e quatro: “a Maré agora é um bairro”. Tudo bem... Só que um bairro ele tem uma série de equipamento urbanos, culturais que na verdade a gente não tem na Maré. E enquanto bairro a gente pode estar se apropriando desta categoria numa

estratégia política, para estar reivindicando isto. Então, criar uma identidade com o bairro é positivo por isso. (Cláudia Rose Ribeiro - 06/09/2002)

Trabalhar a Maré enquanto bairro vai além da questão da auto-estima e da conquista de benefícios sociais advindos dos poderes públicos. Em outro trecho do depoimento, Cláudia Rose indica uma transformação no espaço da Maré, ocorrida em algum momento entre a sua infância e a atualidade, que parece influir diretamente na idéia de fragmentação do bairro, acirrando as diferenças entre as localidades:

A gente tinha muita liberdade de andar pela rua, eu lembro que... Eu tava até lembrando esses dias. Porque a gente está chegando perto de São Cosme e Damião, né?... E era, assim, muito doce. Que não tem hoje muito doce... E... era sem... Pelo menos a gente não tinha noção do perigo. Meu pai e minha mãe deixavam a gente ir sozinhos pela rua e a gente ia longe. Buscando doces... Com os colegas... Então não tinha muito esse negócio de não poder ir aqui ou ali. [...] Então, eu morava na Baixa [do Sapateiro]. Eu ia para o Timbau. Eu ia lá pra dentro da Baixa, lá nas palafitas... A gente ia atrás de doces e não tinha muito problema. (Cláudia Rose - 06/09/2002)

O problema a que ela se refere diz respeito aos limites impostos pelo narcotráfico, que limita o trânsito dos moradores entre localidades sob o domínio de grupos rivais. Nota-se, por parte da agente do CEASM, o desejo de romper estas fronteiras internas da

Maré, que parecem recentes, e restabelecer os limites presentes nas lembranças da sua infância. Se, por um lado, há no depoimento de Cláudia Rose uma atmosfera nostálgica, ainda que acompanhada da percepção de que uma criança não se dá conta de toda complexidade da vida social, por outro lado ele expressa também o anseio de recompor o tecido social por meio da cerzidura da memória. Em termos práticos e discursivos, esse anseio manifesta-se no reforço da unidade da região.

Assim, construir uma unidade através da denominação “bairro Maré” significa não só a possibilidade de obtenção de equipamentos urbanos e benefícios sociais, mas também a construção de uma identidade onde o morador da Maré sintá-se incluído numa representação positiva da cidade, colaborando com a sua auto-estima e cidadania. Significa, também, restabelecer os vínculos entre o passado e o presente, recuperar a liberdade de trânsito entre as localidades e reconquistar o espaço público, onde a criança circulava livremente – espaço que é hoje, em várias ocasiões, privatizado pelo tráfico. Construindo o sentimento de bairro na Maré, os narradores do CEASM ampliam os lugares de ação e pertencimento, contribuindo para a que os moradores da Maré se reconheçam na cidade e como cidadãos pertencentes a ela.

2.2 - OS NARRADORES

O grupo que deu início à elaboração do CEASM e que atualmente¹⁴ compõe a sua diretoria é formado por Antônio Carlos Vieira, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, Jaílson de Souza e Silva, Eliana Sousa Silva, Léa da Silva e Maristela Klem.¹⁵

2.2.1 – OS ENCONTROS

Antônio Carlos e Cláudia já se conheciam desde meados da década de 80, período em que militavam na Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Encontraram-se por ocasião de um movimento da Pastoral que pretendia articular os grupos da paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

Ela, nascida e criada na Baixa do Sapateiro, primogênita numa família de três irmãs, ingressou na Pastoral da Juventude após completar 13 anos de idade, pouco depois de fazer a primeira comunhão junto com uma de suas irmãs. Interessou-se pelas atividades da Igreja e passou a atuar, inicialmente, como auxiliar de catequista, quando ajudava a organizar e participava de encontros da Igreja. No segundo grau, participou do grêmio estudantil no Colégio Mendes de Moraes da rede estadual, momento em que Leonel Brizola

¹⁴ Esta dissertação, iniciada em fins de 2001, levou em conta o corpo diretor do CEASM naquela época.

¹⁵ Esta é a lista “Quem fez” que figura no *site* do CEASM. Alguns outros nomes também aparecem nos depoimentos de Cláudia Rose e Antônio Carlos.

assumia pela primeira vez o mandato de Governador do Estado do Rio de Janeiro.

Foi durante esse período que despertou para a participação no núcleo do Partido dos Trabalhadores da Maré:

[...] tinha um professor na escola, que era professor de matemática e de religião, ele era da igreja católica e era do PT, e aí ele começou a juntar uns alunos que ele achava que tinham uma certa liderança e a discutir a questão do PT e tal. Aí foi que teve a eleição. Não lembro direito quem foi o candidato na época. E aí eu já comecei votando no PT, já em 86. Isso tudo me motivou a estar participando, ainda mais, também da igreja; quer dizer: essa participação da igreja me fez participar da escola, a participação na escola me fez estar participando mais da igreja, aí eu comecei a participar do grupo jovem. Então, além da catequese, era o grupo jovem, só que o grupo jovem estava num período de mudança, todas essas mudanças que estavam acontecendo no país estava refletindo numa organização da pastoral da juventude no Brasil [...] (Cláudia Rose - 06/09/2002)

Cláudia decidiria cursar a graduação um pouco mais tarde, em 1987, quando prestou vestibular para a UERJ e foi admitida para o curso de História.

Antônio Carlos, também o mais velho de uma família de três irmãos, entrou no Grupo Jovem da Igreja Católica aos quatorze anos de idade e aos dezessete já participava da Pastoral da Juventude:

[...] quando eu tinha entre treze e quatorze anos, eu queria entrar no Grupo Jovem, senti falta da convivência da igreja e fui lá para a capelinha da Maré. Numa época de Natal, eu juntei umas três pessoas amigas e fomos lá para essa capelinha, fazer uma visita, então levamos roupas, alimentos. Na verdade o que a gente queria mesmo era participar da comunidade, isso acabou acontecendo, então com quatorze anos eu já tava no grupo jovem lá da Maré. Foi uma experiência muito legal e em 81, como a gente tinha a coisa dos grupos e tal, eu ingressei na Pastoral da Juventude como representante dos grupos. (Antônio Carlos Vieira – 11/01/2003)

Ao dezessete anos ingressa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para cursar o bacharelado em Direito, a fim de “defender os mais pobres, e lutar contra a injustiça” (SILVA, 1999). Mas é na pastoral que desenvolve o desejo de envolver-se em questões sociais e de caráter político-ideológicos, e, como consequência disso, filia-se ao PT.

[...] a partir da chegada do padre Joel, que foi a pessoa que deu um caráter mais, de se pensar mais a igreja e a religião com uma visão mais crítica, com uma visão mais dentro da realidade de vida da gente, de juntar essa prática à realidade, daí surgiu uma Pastoral da Juventude mais atuante, mais comprometida politicamente, ideologicamente também. Daí eu participei de todo esse

processo. Então foi um processo muito importante que me ajudou a despertar para a necessidade da gente estar trabalhando no campo social também, da gente estar participando das questões coletivas, comunitárias. E aí, nessa época eu me senti muito estimulado a me filiar ao PT, por exemplo. (Antônio Carlos Vieira – 11/01/2003)

Foi no ano de 1989, durante a campanha presidencial, no núcleo do PT da Maré, que Cláudia Rose e Antônio Carlos conheceram Jaílson. Carioca de Brás de Pina, Jaílson mudou-se para a Maré naquele mesmo ano, após conhecer sua atual esposa, Eliana. Jaílson também já havia participado da Pastoral da Juventude, onde tivera “o primeiro contato com pessoas que fizeram ou planejavam fazer universidade” (MONTEIRO; ALMEIDA, 1999). Havia se formado em Geografia pela UFRJ e cursava o Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde defendeu a tese “A geografia crítica do poder na / da escola” (SILVA, 1991).

Eliana, moradora de Nova Holanda naquela época, havia recentemente deixado a presidência da Associação de Moradores local, durante a gestão 1984/1988. Ela também teve participação na Pastoral da Juventude e no núcleo do PT da Maré, além de ser formada em Letras pela UFRJ desde 1987. Posteriormente, tornou-se Mestra em Educação pela PUC-Rio com a dissertação “O Movimento Comunitário de Nova Holanda - na busca do encontro entre o político e o pedagógico” (SILVA, 1995).

Segundo Jaílson relata em sua tese (SILVA, 1999), Eliana já conhecia Lea de longa data, desde a adolescência, época em que

freqüentavam o Grupo Jovem da Igreja Católica e participavam de atividades comunitárias. Também trabalhavam juntas na UFRJ, onde Lea ingressou em 1978. Nesse mesmo ano, por volta dos 17 ou 18 anos de idade, concluiu o segundo grau na Escola Clóvis Monteiro. No ano de 1980, foi admitida no vestibular para a Engenharia na Universidade Veiga de Almeida, que não concluiu. Tentou, dois anos mais tarde, o vestibular para Letras na UFRJ, onde se formou, no ano de 1987, em Literatura e Língua Portuguesa.

Maristela é prima de Antônio Carlos, viveu parte da infância no Jardim América e, aos 11 anos, após a ocorrência de problemas financeiros na família, foi morar no Timbau, próxima à casa dos primos. Graduou-se em Letras pela Faculdade de Humanidades Pedro II (Fahupe) e, posteriormente, pós-graduou-se em Literatura Infantil e Juvenil pela UFRJ, já em 1992.

Um momento importante que reuniu algumas destas pessoas e que influenciou diretamente a criação da Rede Memória, e particularmente do Arquivo Orosina Vieira, foi a criação da Sociedade Cultural TV Maré, em 1989. Dessa Sociedade faziam parte, entre os que figuram na organização do CEASM, Maristela, Antônio Carlos e seu irmão Marcelo. A TV Maré era financiada pela Cáritas, entidade ligada a Igreja Católica, e produzia vídeos que “focalizavam a expressão da cultura popular local” (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002).

Aí a gente saiu e começou a gravar coisas dentro da comunidade e exibir para as pessoas verem também. A gente gravou samba, gravou entrevistas com moradores, depoimentos, reclamações de moradores... A gente

botava a televisão, num lugar de circulação e aí a gente passava aquelas fitas. E naquela época o vídeo era uma coisa muito difícil, né? Vídeo era só na televisão mesmo, praticamente. Logo assim quando estava começando o uso de câmera, né? E o pessoal ficava muito envolvido com aquilo, no bloco juntava uma multidão de gente pra ver. A gente gravava, fazia entrevista... (Antônio Carlos Vieira – 11/01/2003)

A TV Maré durou até princípios da década de 90, tempo necessário para que uma quantidade considerável de material fosse produzido e para despertar o interesse de Antônio Carlos para a história da Maré, o que o levou a visitar vários arquivos da cidade em busca de documentos sobre a região.

2.2.2 - REUNINDO O GRUPO

Alguns anos se passaram até o momento em que esse grupo se reuniu com a intenção de criar um curso pré-vestibular que atendesse a população da Maré. O ano era 1996: nessa época, Maristela e Antônio Carlos presidiam a Associação de Moradores do Morro do Timbau; além disso, ela também trabalhava na Secretaria Municipal de Habitação, e ele dividia o seu tempo entre as atividades comunitárias e o cargo de Fiscal de atividades econômicas na Cidade do Rio de Janeiro. Cláudia Rose era professora da Rede Municipal de Educação; Jaílson lecionava na UFF e preparava-se para ingressar no doutorado. Lea e Eliana continuavam como funcionárias da UFRJ, exercendo outras funções.

Baseados em suas experiências comunitárias, um grupo inicialmente formado por quatro pessoas teve a idéia de criar uma ONG que atendesse à população da Maré, com o objetivo inicial de criar um curso pré-vestibular. Segundo Cláudia Rose, as experiências de militância na Igreja e no PT constituíam um ponto no qual as idéias convergiam:

A gente começou a pensar, nós quatro primeiro; eu, Carlinhos, Eliana e Jaílson. A gente começou a pensar a partir das nossas experiências no PT. Nós quatro tínhamos passado pela igreja, sendo que a Eliana e o Jaílson já tinham saído da igreja muito antes da gente, e nós quatro já tínhamos passado pelo PT, sendo que o Jaílson continuava no PT. (Cláudia Rose - 06/09/2002)

O Pré-Vestibular aparece como uma forma de socializar um bem em comum conquistado por estes indivíduos que conseguiram transpor as dificuldades impostas pelas suas condições sociais:

Na verdade, nós desejávamos entender o que deveria ser feito para que uma experiência, que era individual, pudesse ser coletiva. Nós desejávamos construir uma experiência coletiva e acreditávamos que o caminho para esta construção poderia ser o curso Pré-Vestibular. Desta forma, o curso Pré-Vestibular não era um fim, mas sim um meio, uma forma de criar redes sociopolíticas, onde estas pessoas poderiam estar criando, produzindo e descobrindo o seu próprio potencial. Se nós que

crecemos aqui, por possuímos algumas características pessoais, apesar das adversidades, conseguimos ter acesso a determinadas coisas, por que isso não poderia ser coletivizado?¹⁶ (CAPITAL, 2002)

Cláudia Rose menciona outro fator circunstancial que influenciou na decisão de criar o Pré-Vestibular:

Por que o curso pré-vestibular? Porque já tinha gente aqui da Maré que tinha entrado na universidade através de um curso do pré-vestibular do SINTUFERJ. Só que o SINTUFERJ estava num período de restringir vagas para quem não fosse sindicalizado ou dependente de sindicalizado e muita gente da Maré ia ficar sem fazer. Então a gente começou a pensar isso e outras pessoas começaram a se envolver; o Luis, a Silvinha, que também tinham sido da igreja e que também tinham feito o pré-vestibular do SINTUFERJ, tinham entrado na universidade. Então a gente começou a envolver outras pessoas nesta discussão. E aí foi a com a proposta do pré-vestibular, e aí a gente formou a ONG. (06/09/2002)

Foram realizadas várias reuniões para debater sobre a criação do Centro, e algumas outras pessoas participaram das discussões. Lea e Maristela prosseguiram e hoje integram a diretoria do CEASM junto com os outros quatro.

¹⁶ Eliana Sousa Silva em entrevista concedida à Revista Lactitude.

O Projeto do CEASM avançou e, em agosto de 1997, foi criada a ONG. O Curso Pré-Vestibular (CPV) foi finalmente implementado, funcionando provisoriamente na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, enquanto aguardavam a conclusão das obras de reforma da sede do CEASM, que estavam sendo realizadas num espaço cedido pela Associação de Moradores do Timbau, onde funciona até hoje.

Como vimos, os narradores do CEASM possuem em comum várias características: todos moraram pelo menos por algum tempo em alguma comunidade da Maré; todos haviam passado pela Pastoral da Igreja Católica; todos possuíam envolvimento com o Partido dos Trabalhadores, e todos possuíam nível universitário. Enfim, a identidade desse grupo é construída com base em múltiplas relações de pertencimento: família, bairro (vizinhança), partido político, religião, engajamento em questões sociais, formação profissional.

É interessante observar também o processo de rompimento da fronteira público / privado operada pelo grupo em questão, numa sociedade onde as relações se estreitam cada vez mais ao nível do “indivíduo”, onde os espaços públicos são percebidos como espaços do estranhamento e a família ainda é percebida como um “refúgio idealizado, um mundo exclusivo, com um valor moral mais elevado do que o domínio público” (SENNETT, 1988. p. 35).

2.3 - O CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM)

O acesso à sede do Centro de Estudo e Ações Solidárias da Maré é fácil, através da Rua Nova Jerusalém, uma rua parte calçada e parte asfaltada, que se estende desde o bairro de Bonsucesso, cruzando a Avenida Brasil. Na Maré, a rua é quase toda de paralelepípedos, e o asfaltamento tem início no final da mesma, no sopé do morro do Timbau, onde a movimentação de pessoas começa a ficar mais intensa. Essa área é bastante residencial em comparação aos trechos às margens da Avenida Brasil, caracterizados pela presença de indústrias, galpões e outras grandes construções de muros altos e extensos. Segundo Silva, “o Timbau tem um dos melhores perfis sociais dentre as comunidades da Maré” (SILVA, 1999). Neste trecho também encontram-se um posto policial e um aglomerado de lojas de pequeno porte: açougues, armazéns, barbearias, etc. Todas as terças-feiras, nessa área se realiza uma feira que dificulta o acesso à Rua dos Caetés, uma rua de mão dupla – quando não obstruída por carros que estacionam ao longo da via – onde está localizada a sede do CEASM, no número 7, um trecho movimentado do morro.

A sede do CEASM é um complexo que reúne três edificações, uma delas com três andares e as demais com apenas dois. Nestes prédios estão distribuídas diversas salas de aula, direção, centro de telefonia, oficinas, biblioteca, salas de reunião, salas de cursos etc. Além da sede principal, existem ainda duas outras instalações: uma funciona em Nova Holanda, um edifício de dois andares onde são disponibilizadas mais turmas do curso pré-vestibular; a outra instalação, um grande espaço com galpões e diversas salas, localizada

também no Morro do Timbau, foi recentemente obtida em regime de comodato pelo CEASM e ainda não está em atividade. Planeja-se para este espaço a construção de um centro cultural, onde funcionarão algumas redes – entre elas, a Rede Memória, com o ADOV.

2.3.1 – AS REDES

É na sede que se desenvolve a maioria das atividades, distribuídas em suas diversas Redes. São elas ¹⁷:

A Rede de Educação, coordenada por Eliana, onde são oferecidos o Curso Pré-Vestibular da Maré (CPV-Maré), que atualmente reúne seis turmas e 300 estudantes, segundo informações obtidas no *site* da ONG; os Cursos Preparatórios para 5ª série e para o Ensino Médio - “atualmente, o CEASM tem 270 alunos freqüentando suas aulas, sendo 150 alunos voltados para o Ensino Médio e 120 para o Segundo Segmento do Ensino Fundamental¹⁸”; o Núcleo de Línguas da Maré, que “oferece cursos de inglês, espanhol e italiano a 110 alunos efetivos, entre crianças, jovens e adultos das 16 comunidades que formam o bairro¹⁹”; o Programa de Crianças / Petrobrás - Projeto da Petrobrás que vem sendo desenvolvido pelo

¹⁷ Parte considerável das informações apresentadas neste item do Capítulo II podem ser obtidas no site do CEASM. Aqui elas foram ora condensadas, ora acrescidas de informações obtidas em entrevistas informais e através da pesquisa de campo.

¹⁸ CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002

¹⁹ *Idem, ibidem*

CEASM e que inclui oficinas e atividades de natureza educativa e cultural²⁰.

A Rede Trabalho & Educação (RETEM), coordenada por Lea, oferece cursos de informática e, até o final do ano 2000, oferecia também o curso formação de monitores para museus em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e apoio financeiro da Comunidade Solidária e da FAPERJ. O Curso de Formação de Monitores, que articulava a RETEM e a Rede Memória, visava qualificar jovens da Maré para o trabalho em museus e centros de ciência. “Ao final da formação, os aprovados [tornavam-se] monitores do Museu da Vida, na Fiocruz²¹”. A RETEM desenvolve também o projeto Adolcentro, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do RJ, e ligado ao “Programa de Atenção Integral à Saúde do Adolescente” e com recursos do BNDES. Entre outros objetivos, visa a formação de jovens agentes de saúde para desenvolverem atividades educativas na comunidade. Além disso, possui diversas oficinas: Oficina de Vídeo, Oficina de Fotografia, Oficina de Produção Literária e Oficina de Produção Gráfica.

A Rede Cultura, atualmente, oferece e desenvolve as seguintes atividades: Grupo de Dança da Maré, Capoeira de Angola e Centro de Teatro do Oprimido.

A Rede Comunicação tem como principal atividade o jornal “O Cidadão”, que circula desde 1999, impresso pela Ediouro - gráfica localizada próxima ao CEASM. O jornal é editado mensalmente e aborda diversas questões referentes ao cotidiano da Maré, além de

²⁰ *Idem, ibidem*

²¹ *Idem, ibidem*

possuir uma sessão exclusivamente dedicada à publicação da “História da Maré.” (VIEIRA, 2002)

A Rede Observatório, coordenada por Jaílson, já mencionada no início deste capítulo, realiza levantamentos de dados históricos, sócio-econômicos e culturais sobre a população da Maré, fornecendo informações que compõem os indicadores oficiais do CENSO.

2.3.2 - A REDE MEMÓRIA

Por fim, a Rede Memória, coordenada conjuntamente por Cláudia Rose e Antônio Carlos, onde deverá se concentrar o presente estudo, tem por objetivo “registrar, preservar e divulgar a história das comunidades que formam o bairro” promovendo a “criação de canais que venham fortalecer o vínculo comunitário entre os moradores da Maré orientado pela identidade histórica e cultural desses atores sociais e pelo sentimento de pertencer ao local” (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002).

Atualmente existem duas principais frentes de trabalho relacionadas à coleta de materiais. Uma delas empreende uma busca em diversos arquivos, bibliotecas e museus, onde registra e cataloga toda informação acerca da Maré: essa equipe é conduzida por Antônio Carlos e priorizou, no decorrer do ano de 2002, a busca por material fotográfico em arquivos públicos. A outra equipe se encarrega de elaborar e realizar entrevistas, priorizando os moradores mais antigos da Maré, e tem à sua frente Cláudia Rose.

Além destas atividades, são realizadas exposições fotográficas com o material levantado que são exibidas no próprio CEASM, em alguns colégios da região e em outros locais da Cidade do Rio de Janeiro. Essas exposições também contam, algumas vezes, com a participação do grupo de Contadores de Histórias - atividade incluída recentemente na agenda da Rede Memória -, que narram lendas e mitos, a maioria deles relacionados à Maré.

Entre bolsistas e colaboradores voluntários, a Rede Memória tem em seu quadro de militantes estudantes de vários níveis de escolaridade e universitários de várias áreas do conhecimento. Muitos deles ainda freqüentam, lecionam ou tiveram passagem pelos cursos do CEASM; alguns deles são formados e outros ainda estão na graduação, além daqueles que cursam pós-graduação. Arquivologia, Geografia, História, Letras e Serviço Social são algumas das disciplinas que podemos encontrar interferindo nas ações desta Rede.

2.3.3 - O ARQUIVO DOCUMENTAL OROSINA VIEIRA

A principal atividade realizada pela Rede Memória, e que constituirá o foco desta pesquisa, é a organização do Arquivo Documental Orosina Vieira, onde serão postos à disposição do público os trabalhos oriundos dos levantamentos realizados pelas equipes já mencionadas. Atualmente, o acesso ao acervo está interrompido ao público para organização e elaboração das políticas de uso.

O Arquivo Documental Orosina Vieira foi inaugurado aos vinte e seis dias do mês de abril de 2002, logo na entrada do CEASM.

Posteriormente, foi deslocado para a sala onde as equipes da Rede Memória se reúnem, local onde é abrigada a maior parte do acervo. Recentemente, o Arquivo retornou para a sala onde foi inaugurado. Nesta sala o ADOV ficará provisoriamente, aguardando as reformas de novas instalações para onde será transferido, juntamente com outras Redes.

Atualmente, a sala onde se localiza o ADOV tem aproximadamente quarenta metros quadrados; possui dois computadores, um armário onde ficam guardadas as fitas de vídeo, fitas cassetes com entrevistas e algum material de consumo, uma estante com livros e dissertações. Sobre os armários, vinte pastas guardam documentos históricos sobre a região, depoimentos, relatórios de levantamento de acervo e recortes de jornais, que são lidos diariamente em busca de notícias sobre a Maré e outros assuntos de interesse do Arquivo. Três armários de pastas suspensas guardam as fotos do arquivo, que somam aproximadamente novecentas.

O acervo fotográfico constitui o objeto central desta pesquisa e será analisado com maior profundidade no próximo capítulo, buscando compreender de que forma as memórias e identidades do bairro Maré são construídas a partir desses registros. Esse acervo foi preferido como objeto de análise em detrimento dos outros documentos do Arquivo (vídeos, hemeroteca e documentos escritos em geral) por ter recebido mais atenção durante o período em que foi desenvolvida esta pesquisa²² e possuir um número maior de unidades

²² Desde aproximadamente o mês de agosto do ano de 2002 a Coordenação da Rede Memória do CEASM, através da equipe responsável diretamente pela pesquisa e aquisição de acervo, tem empreendido uma busca em

catalogadas, além de ser o mais procurado pelos usuários do Arquivo e apresentado com maior frequência em exposições e outras atividades realizadas pela Rede Memória. Ele cumpre, dessa maneira, um papel bem mais representativo no universo de documentos que são utilizados para a construção de memórias e identidades do bairro Maré a partir do ADOV.

Os deslocamentos constantes da Rede Memória e, conseqüentemente, do Arquivo no CEASM, parecem demonstrar de forma concreta como a memória é dinâmica; os esforços para dar conta das constantes mudanças na orientação do arquivo tornam ainda mais laboriosa a redação deste estudo, que necessita de atualizações constantes. Ainda bem recentemente, no início de fevereiro de 2003, alunos do curso de Arquivologia da UNIRIO, que colaboravam para a organização técnica do acervo documental, convidaram um professor da mesma universidade a elaborar um projeto de extensão para o ADOV. Caso este projeto entre em andamento, é provável que as diretrizes do CEASM em relação à preservação dos documentos seja inteiramente reformuladas.

arquivos, museus e bibliotecas com a finalidade de realizar o levantamento do acervo iconográfico relacionado à região da Maré, adjacências e áreas da cidade do Rio de Janeiro cujas remoções resultaram em migrações para a Maré, reservando para um segundo momento o levantamento bibliográfico e de documentos escritos. Nessas pesquisas, praticamente concluídas no fim do ano de 2002, também foram levantados registros audiovisuais e mapas, que correspondiam a uma quantia pequena se comparadas aos registros fotográficos.